

O CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR NO CURRÍCULO DOCENTE CONTEMPORÂNEO

Joelina Kely Silva Moreira:
Graduanda em Pedagogia e Bolsista PIBIC
Universidade Federal do Ceará – UFC
E-mail: joelinakely@yahoo.com.br
Profa. Dra. Silvia Elizabeth Moraes (Orientadora):
Pós-Doutorado em Educação pela USP
Professora adjunta da Universidade Federal do Ceará
E-mail: silviamoraes@ufc.br

Resumo

Cada vez mais tem sido questionado o que o aluno aprende na escola e se irá contribuir para o seu desenvolvimento. A formação dos professores tem sido alvo também de muitas críticas. O conhecimento produzido na escola se apresenta fragmentado e distante da realidade dos alunos. A proposta que vem se colocando no cenário é a interdisciplinaridade. O presente trabalho tem como objetivo relatar uma pesquisa desenvolvida na disciplina Didática I que visou analisar, por meio de observação participante, como os alunos de diferentes cursos se organizam ao realizarem projetos interdisciplinares. Foram formados grupos com representantes de diversas áreas, que trabalharam em torno de temas por eles escolhidos. Foi constatado que a interdisciplinaridade possibilita um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, reduzindo o distanciamento entre o que está presente no currículo escolar e o que ocorre na realidade dos alunos. Concluiu-se também que a integração das disciplinas requer intenso trabalho conjunto dos professores em forma de planejamento, a fim de identificar temas e problemas atuais que relacionem o currículo com a realidade social.

Palavras – chaves: Interdisciplinaridade, currículo, formação docente.

Introdução

Um dos problemas maiores enfrentados pelas instituições de ensino, principalmente tratando-se de ensino superior, tem sido a fragmentação e descontextualização do conhecimento nas propostas curriculares. Em consequência disso, os alunos que saem das universidades com essa formação apenas reproduzem conteúdos, levando essa repetição para a sala de aula, no caso de serem cursos de graduação voltados para a formação de professores. Espera-se que o aluno se torne um ser crítico e tenha autonomia, porém estudos revelam que muitos que saem das escolas apresentam dificuldades no que se refere à criticidade. Diante dessa realidade, a formação dos professores tem sido bastante questionada.

Em busca de resposta a tais questionamentos propomos práticas curriculares interdisciplinares em aulas de licenciatura. Acreditamos que para “reformular o pensamento” e ao final do processo termos “cabeças bem feitas” e não “cabeças bem cheias” (Morin, 2000), é necessário começar desde a graduação. Uma cabeça bem feita significa que, “em vez de acumular o saber, é mais importante dispormos ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido”. (MORIN, 2000: 21)

Nesse trabalho relatamos uma pesquisa desenvolvida na disciplina Didática I que visou analisar, por meio de observação participante, como os alunos de diferentes cursos se

organizam ao realizarem projetos interdisciplinares. Propusemo-nos analisar como os alunos dos cursos de licenciatura lidam com a questão da interdisciplinaridade, verificando sua participação na elaboração de projetos temáticos, bem como a maneira através da qual eles negociam acordos ao redor de temas e estratégias de abordagem, mesmo sendo provenientes de diferentes áreas do conhecimento.

A pedagogia de projetos: desfragmentando e contextualizando

O conhecimento produzido na escola tem sido fragmentado, descontextualizado e distante da realidade dos alunos, especialmente devido à desarticulação entre as disciplinas. Por não estar relacionado à vida cotidiana do aluno, torna-se desinteressante para ele, já que dessa maneira o aluno não aprende a aplicar esses conhecimentos na sua vida fora das paredes da sala de aula. De fato, a visão tradicional do currículo tem sido bastante questionada quanto à contribuição na formação do estudante, entre outros motivos, por não possibilitar uma reflexão sobre a prática que ele precisará ter como profissional.

Uma saída para esses problemas pode ser uma reformulação no currículo docente, que proporcione aos alunos fazerem ligação do que aprendem nas mais diversas áreas.

Geralmente, o currículo é visto num sentido limitado, com uma visão de conjunto das atividades desenvolvidas pela escola. Saviani nos mostra que currículo não é apenas isso:

De uns tempos para cá, disseminou-se a idéia de que currículo é o conjunto das atividades desenvolvidas pela escola. Portanto, currículo diferencia-se de programa ou de elenco de disciplinas; segundo essa acepção, currículo é tudo o que a escola faz; assim, não faria sentido falar em atividades extracurriculares (SAVIANI, 2005:15).

Segundo Neto (2007), a preocupação em se ter o currículo como objeto de estudo e pesquisa teve sua origem nos Estados Unidos, na década de 20, devido ao processo de industrialização e dos movimentos imigratórios que intensificaram a massificação da escolarização.

Silva (2007) apresenta o currículo como um processo de racionalização de resultados educacionais, rigorosamente especificados e medidos.

Coll (1986) aponta o currículo como um instrumento eficaz na prática pedagógica, pelo fato de orientar o processo educativo, atentando para a importância de o currículo não ultrapassar a iniciativa dos professores, transformando-os em simples executores de um programa já previamente estabelecido.

No currículo estão implícitas as funções da instituição e as formas de enfocá-las. Na sua elaboração é preciso pensar no que o aluno teria vontade de aprender. Há a necessidade de uma proposta curricular adequada à realidade dos alunos, e que tenha flexibilidade para eventuais mudanças. É um erro um currículo ser elaborado por pessoas que não estão próximas do espaço a que se destina, pois é ele que norteia o trabalho realizado na instituição e define o que o aluno irá ou não estudar. O aluno não é ouvido, não participa da elaboração do currículo.

Na contemporaneidade tem sido bastante defendida a idéia da participação de todos os sujeitos envolvidos na elaboração do currículo, para que se tenha uma proposta mais significativa para os alunos. Kramer (1999) atenta para a necessidade de ele estar ligado à realidade a que se dirige e de ser construído com a participação de todos os sujeitos.

O currículo precisa estar em constante mudança, já que precisa acompanhar as transformações presentes na sociedade, para adequar-se ao contexto social vivido pelo aluno.

Na discussão acerca do currículo de formação docente, é necessária uma compreensão de que a proposta curricular é uma variável complexa que não se limita à organização do conhecimento que deverá ser adquirido pelos alunos ao longo do curso. Faz-se necessário repensar o peso excessivo e a maneira como os conteúdos são ministrados no currículo. Não se trata de negar a importância dos conteúdos, mas sim de propor um equilíbrio entre o disciplinar e o interdisciplinar, especialmente superando a ênfase na memorização e na preocupação excessiva em “dar o programa”.

A centralidade do currículo na educação contemporânea pode ser percebida por suas constantes reformulações dos currículos. Tem-se falado bastante em renovação curricular nos últimos anos, e muitos cursos de graduação passaram ou estão passando por isso. O curso de Pedagogia da UFC é um deles.

De acordo com Neto (2007), o movimento de revisão do conceito curricular foi marcado pela primeira conferência sobre currículo, em 1973, organizada por um grupo liderado por William Pinar, em Nova York. Foi um movimento que ocorreu na tentativa de reconceituar o campo do currículo.

Coll (1986) analisa a mudança curricular como uma condição necessária para uma reforma educativa que leva à melhoria na educação. Ele propõe o estabelecimento de um currículo atualizado e ajustado às necessidades sociais.

Segundo Fazenda (1998), esse foi um conceito que surgiu na França e na Itália na década de 60, em um período marcado pelos movimentos estudantis que reivindicavam principalmente um ensino mais contextualizado com a realidade que eles viviam. Chegou ao Brasil ainda no final da década de 60, exercendo influência na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases Nº 5.692/71.

A proposta defendida possibilita uma articulação entre as diferentes áreas do conhecimento, quebrando essa fragmentação presente no currículo tradicional.

Segundo Lück (1994), a “interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de integração das disciplinas do currículo escolar entre si com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino”. (LÜCK, 1994:64). A interdisciplinaridade representa dessa forma uma integração de componentes curriculares na construção do conhecimento.

Georges Gusdorf foi um dos principais precursores do movimento interdisciplinar, apresentando em 1961 à UNESCO um projeto de pesquisa interdisciplinar para as Ciências Humanas, que propunha a redução da distância dos conteúdos entre as ciências humanas. Gusdorf propôs a informação e explicação do conceito de interdisciplinaridade e a compreensão das questões que hoje se colocam aos diversos saberes em termos da sua articulação e da reorganização das suas fronteiras.

Apoiando-se na abordagem de Lück (1994), que define que “a interdisciplinaridade se constitui em um processo contínuo e interminável de elaboração do conhecimento orientada por uma atitude crítica e aberta à realidade” (LÜCK, 1994:67), é defendido que a finalidade não é eliminar a disciplinaridade, mas transformar o conhecimento, enxergando-o como um fenômeno inacabado e ilimitado.

Os PCN (1997) trazem a relação entre a concepção de transversalidade e interdisciplinaridade. Ambas são fundamentadas na crítica de uma concepção de conhecimento alienada. Na prática pedagógica, esses dois conceitos dão suporte um ao outro, já que não é possível um trabalho pautado na transversalidade contando-se com uma perspectiva disciplinar rígida. São conceitos tão próximos que alguns chegam a confundir um com o outro. Portanto, compreende-se que:

“...transversalidade e Interdisciplinaridade são conceitos inseparáveis, pois se alimentam, mutuamente. A interdisciplinaridade questiona a

fragmentação e a linearidade do conhecimento; a transversalidade questiona a alienação e o individualismo do conhecimento. Ambas só podem ser postas em prática através do trabalho coletivo”. (KLEIMAN; MORAES, 1999: 22)

O docente, quando vai atuar na área, sente dificuldades em pensar interdisciplinarmente, pois toda a sua formação foi realizada dentro de um currículo fragmentado, em que ele estudou várias teorias e pensamentos, mas não aprendeu a trabalhar coletivamente e articular um conhecimento entre as diversas áreas.

Neto (1997) mostra a importância da interdisciplinaridade no cenário educacional brasileiro, apontando como um dos ideais do movimento a totalidade do saber.

Segundo Machado (2008), Paulo Freire propõe a investigação do universo temático do povo. Ele sugere que inicialmente se conheça a área que irá ser trabalhada, para depois haver um estudo interdisciplinar. A sugestão de Freire é que cada envolvido na investigação temática apresente um projeto de um tema, o qual passa por discussão e reúne sugestões. A idéia é que depois os projetos sirvam de auxílio à formação dos professores que trabalharão nos círculos de cultura.

Beneti sugere um trabalho por projetos, em que exista uma integração entre todas as disciplinas. Ele explica a necessidade de um trabalho conjunto entre os professores de todas as disciplinas, para que o processo seja visto como um todo e se tenham alunos mais motivados em sala de aula.

Moraes (2005) vem desenvolvendo projetos interdisciplinares com alunos de cursos de graduação voltados para a formação de professores, considerando que “os projetos interdisciplinares têm a grande vantagem de dar espaço à iniciativa e à criatividade dos participantes. Além disso, estimulam o espírito coletivo, a solidariedade e a troca de informações” (MORAES, 2005: 50).

A organização dos conteúdos em torno dos projetos favorece a compreensão da multiplicidade de aspectos que compõem a realidade, já que possibilita a articulação de contribuições dos diversos campos do conhecimento. Ao final do projeto, o resultado alcançado pode ser exposto para o grande grupo, a fim de socializar os resultados.

A pedagogia de projetos possibilita à escola tornar-se mais dinâmica, atual e atraente para os alunos. Segundo Kleiman e Moraes (1999), o projeto interdisciplinar pode ser um instrumento para a transformação na sala de aula, ao passo que o aluno deixaria de ser passivo e alienado, passando a desenvolver seu senso crítico.

Metodologia e forma de análise dos resultados

Para a realização do trabalho houve observação e participação nas aulas da disciplina Didática I. Logo no início da disciplina, foi explicado o trabalho com os projetos que deveria se basear em uma das duas teorias apresentadas: a teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner e a teoria dos significados da vida humana, de Philip Phenix.

Os alunos foram divididos em grupos, de forma que tivessem componentes dos mais diversos cursos, se possível. Os integrantes do grupo tiveram total liberdade na escolha do tema e teoria a ser utilizada.

Os resultados foram analisados a partir dessas observações, em que os alunos foram divididos em grupos, escolheram um tema a ser trabalhado nas diferentes áreas do conhecimento e uma teoria para aplicar no desenvolvimento do trabalho. Eles deveriam também decidir como seriam divididas as tarefas e como se daria mais tarde o seminário de apresentação ao grande grupo (ao final de três encontros).

Resultados e Discussão

O mais proveitoso desse trabalho com projetos foi que ao final cada grupo apresentou o seu projeto para toda a turma. Houve bastante variedade de informações e criatividade dos alunos.

É importante ressaltar que os alunos participaram da avaliação dos projetos, tanto na escolha dos critérios a serem avaliados quanto no momento da avaliação. O grupo responsável pela apresentação da aula recolhia as fichas de avaliação, levava e fazia uma média das notas, para entregar a professora. Até mesmo os integrantes do grupo fizeram uma auto-avaliação.

Como todos os grupos escolheram a teoria de Phenix, foi necessário o aprofundamento na teoria. A teoria de Philip Phenix apresenta a concepção de educação geral como o processo de construir significados em seis domínios. Para que o sujeito desenvolva-se integralmente, ele precisa atentar para esses domínios, denominados por Phenix de significados da vida humana: simbólico, empírico, estético, sinoético, ético e sinóptico.

O primeiro grupo escolheu o tema *A árvore e seus múltiplos significados*, que foi abordado através da teoria de Phenix. O grupo realizou uma pesquisa de campo na Praça dos Mártires (conhecida como passeio público) de Fortaleza, para observar a árvore Baobá. O grupo escolheu como público-alvo para o projeto os próprios alunos da disciplina que foram considerados como professores de uma escola em horário de planejamento. Na apresentação do projeto o grupo utilizou vídeos com entrevistas na Praça dos Mártires e fotos da árvore Baobá. No domínio simbólico foi citada a definição de *árvore* no dicionário. No empírico foi citado o conceito de árvore da ciência, da biologia. No estético o grupo utilizou quadros de pintores, como Van Gogh, Cezanne e Klimt, e uma poesia de Florbela Espanca, *Árvores do Alentejo* e de Fernando Pessoa, *Velhas árvores*. No sinoético foi visto a relação pessoal dos sujeitos com as árvores.

No domínio sinóptico o grupo abordou os seguintes aspectos: na religião, a árvore do conhecimento do bem e do mal (Bíblia); na Filosofia, a Teoria do conhecimento, a razão e o domínio da natureza; na História, o Baobá do Passeio Público e suas histórias.

No ético foi comentado sobre o artigo 225 da Constituição Federal de 1988, que coloca que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações, despertando a consciência de que não devemos derrubar as árvores indiscriminadamente, ou seja, a noção de sustentabilidade e a legislação vigente sobre as florestas (Ministério do Meio Ambiente). Foi ainda mencionada a campanha do Greenpeace sobre a conscientização da sociedade a respeito da questão do desmatamento.

O segundo grupo teve como tema a *Classificação lógica dos significados: Movimentos Sociais – MST*. A teoria utilizada foi novamente a de Phenix. Os integrantes do grupo disseram ter iniciado a pesquisa utilizando fontes principalmente da internet, acerca de diversos movimentos sociais identificados no país. Em debates no grupo, escolheram o MST para aprofundar suas análises. Foram utilizados a internet e textos científicos para o conhecimento do movimento e, na apresentação, principalmente elementos áudio - visuais. O grupo relata que o tema foi escolhido pelo fato de o trabalho com os Movimentos Sociais nas escolas ser necessário para despertar nos estudantes o interesse pela discussão de temas importantes da nossa sociedade

Para representar o domínio simbólico foi utilizada a bandeira que representa o movimento. No estético o grupo utilizou uma poesia e músicas sobre o tema.

Outro grupo abordou o tema *O indivíduo na atualidade*, sob o foco da teoria de Phenix, abordando assuntos como a cidadania global e a violência simbólica, como a atitude

professoral e as estratégias punitivas em relação aos seus alunos, como reprovações e castigos.

No domínio empírico o grupo citou a formação da sociedade através da razão, em que a ciência é representada como o motor da atualidade. No estético foi feita uma pesquisa comparando a música há alguns anos atrás e atualmente. A aluna comentou as diferenças no estilo e as influências exercidas na sociedade, como também nas composições antigas, em que havia muita repressão e alguns compositores chegaram até a serem exilados devido às suas expressões, e as atuais, em que se tem liberdade para escrever e as músicas são desprovidas de sentido. Ainda no estético foi falado sobre o papel que a moda tem exercido na sociedade e a busca da beleza: o que tem sido feito para se chegar a um padrão de beleza. As artes foram também abordadas, com o questionamento sobre que seja considerado arte hoje em dia.

No domínio ético o grupo abordou a tolerância às diferenças dos indivíduos e a moral. Os integrantes discutiram o conceito de intolerância no decorrer dos anos; a ética na família, os valores presentes na família conservadora e atual; o cuidado dos pais com os filhos; e o respeito dos filhos pelos pais. O ético em relação ao meio ambiente também foi abordado, sobre como vivemos na contemporaneidade, se estamos respeitando a natureza. Foi interessante o fato de o grupo ter feito uma ligação entre o tema deles e o do primeiro grupo, que foi sobre a árvore.

No domínio sinóptico foi discutido o que o homem fez de si próprio dentro do contexto de certas circunstâncias, dando ênfase ao indivíduo na religião: que o homem buscou a religião devido ao medo, para ter proteção. No sinoético foi comentada a superficialidade dos sentimentos presente nos relacionamentos na sociedade atual, em que as pessoas não expressam mais os sentimentos por se preocuparem com o que os outros vão dizer.

O quarto grupo escolheu como tema o *Bullying*, também abordado segundo a teoria de Phenix. O projeto foi elaborado pensando em ser trabalhado com professores, com o objetivo principal de prepará-los para lidar com o bullying na escola, que é algo bastante frequente. O grupo começou a apresentação do projeto comentando sobre o que caracteriza o bullying, que são a crueldade, violência e repetição da ação (agressão). O domínio simbólico foi representado pelos três sujeitos envolvidos: agressor, vítima e espectador. O racismo e a briga entre torcidas foram citados como um dos meios que leva ao bullying.

No domínio empírico o grupo abordou a história do bullying, que os estudos começaram a ser realizados a partir de 1970, após uma série de homicídios e suicídios envolvendo adolescentes. Gráficos e tabelas também foram utilizados na representação desse domínio para mostrar resultados de pesquisas realizadas na área.

Houve grande participação do grande grupo na apresentação do projeto, muitos alunos mostraram ter interesse pelo assunto e aproveitaram para tirar suas dúvidas.

O grupo utilizou vários recursos na apresentação do projeto, como vídeos, imagens, entrevistas, dados estatísticos sobre o bullying

O grupo em que atuei como observadora-participante foi composto por pessoas de diferentes cursos (Ciências Sociais, Pedagogia e Engenharia de Pesca), o que pode ter levado a conflitos na escolha do tema, já que todos queriam um tema próximo da sua área de estudo. Tentando aplicar o tema escolhido em uma das teorias, os integrantes ficaram divididos entre a teoria de Gardner e a de Phenix. Alguns pensaram não ser possível a aplicação do tema nas nove inteligências propostas por Gardner. Após muita negociação, chegaram a um acordo tanto na escolha do tema quanto na teoria a ser utilizada pelo grupo, algo que se deu através de serem consideradas as opiniões de todos os componentes. Assim foi preciso o grupo se reunir várias vezes para a escolha, pois era difícil chegar a um que agradasse a todos.

Após muito diálogo, o grupo estabeleceu como tema o *Preconceito*, para ser abordado através da teoria de Phenix, e tendo como público-alvo os professores de uma escola de ensino médio.

O projeto foi apresentado com a utilização de recursos como vídeos e imagens sobre o assunto. No domínio empírico foi comentado sobre os casos de preconceito ocorridos na sociedade. No estético foi representado o preconceito presente em nossa sociedade com algumas músicas, como o forró e o pagode: letras de músicas que demonstram algum preconceito contra a mulher; ditados populares contra os negros e mulheres. No sinoético o grupo abordou as conseqüências que o preconceito pode trazer para as relações sociais e individuais.

Ao final das apresentações dos projetos os alunos comentaram sobre a importância do trabalho para a formação. Foram citadas várias contribuições, como a possibilidade de colocar em prática o que já havia sido visto na teoria (a integração das disciplinas). Um aluno afirmou já pensar nessa hipótese para trabalhar com os alunos. Através do projeto eles puderam escolher os aspectos que mais se identificam, como foi comentado por uma aluna, possibilitando uma habilidade individual em um trabalho coletivo. Foi citado um exemplo de modismo de projetos, que é muito comum em escolas municipais, de haver uma preocupação apenas em serem trabalhados o maior número de projetos possíveis, não se dando tempo para que os alunos apreendam a quantidade de informações.

Conclusão

A visão de currículo aqui defendida parte de uma necessidade da participação de todos na elaboração da proposta curricular, contribuindo para a construção de um conhecimento próximo da realidade do aluno, levando em consideração as especificidades do grupo a que é destinado.

A interdisciplinaridade pode de fato contribuir na aprendizagem do aluno, modificando a visão tradicional de currículo, que atualmente se caracteriza pela fragmentação do conhecimento, através de uma integração das diversas áreas do conhecimento. É possível aprender de forma contextualizada e não-fragmentada, relacionando o conteúdo estudado com as outras disciplinas. Contribui ainda para o ensino contemporâneo por levar a uma integração dos conteúdos estudados, levando dessa forma a uma aprendizagem contextualizada e próxima da realidade dos alunos.

Quanto aos objetivos do trabalho, chegou-se à conclusão que há uma dificuldade dos alunos em integrar um tema às diversas áreas do conhecimento, conforme os estudantes relataram na apresentação dos projetos. Com isso percebe-se que, para se chegar a uma construção de conhecimentos no currículo, há a necessidade inicial de uma mudança na proposta curricular dos cursos de graduação, de modo a contribuir para uma modificação na postura do futuro profissional.

Ao final das observações foi concluído que houve dificuldades na participação de todos os integrantes do grupo na escolha do tema, dificultando o acordo e a chegada a um consenso entre os estudantes. Entretanto, isso já era esperado, pois, em se tratando de várias áreas do conhecimento - Ciências Exatas, Ciências Sociais e Ciências Humanas - as abordagens são diferentes.

Ao observar as apresentações dos projetos, foi verificado que muitos alunos sentiram dificuldades em pensar interdisciplinarmente, já que o currículo presente nas instituições (no caso de nível superior), não prepararam os alunos para enxergar o conhecimento em diferentes áreas e a trabalhar coletivamente. É necessário estar atento para o fato de que o desafio de conviver com linguagens e saberes diferentes é essencial para o trabalho interdisciplinar e coletivo.

Após as observações realizadas foi verificado que no currículo docente contemporâneo há a ausência de oportunidades para um diálogo para que se possa pensar na interdisciplinaridade. Os alunos precisam ser preparados para escutar as idéias do outro, para

que assim eles possam trabalhar coletivamente. A interdisciplinaridade demanda um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, reduzindo o distanciamento entre o que está presente no currículo escolar e o que ocorre na realidade dos alunos. Concluiu-se também que a integração das disciplinas requer intenso trabalho conjunto em forma de planejamento, a fim de identificar temas e problemas atuais que relacionem o currículo com a realidade social.

Essa integração curricular aqui proposta possibilita uma reflexão das relações existentes entre as disciplinas e os problemas presentes na sociedade.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética.** <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Brasília: MEC/SEF, 1997. Acesso em: 18/09/2010.
- BENETI, Marcelo. **A importância do trabalho interdisciplinar.** <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/a-importancia-do-trabalho-interdisciplinar-909164.html>. Acesso em: 11/08/2010.
- COLL, César. **Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar.** Trad. por Cláudia Schilling. 5ª ed. Barcelona: Ática, 1986.
- FAZENDA, Ivani C. A. (Org.) **Didática e Interdisciplinaridade.** 11ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- KLEIMAN, Ângela B. e MORAES, Silvia Elizabeth. **Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. In: Antonio Flavio Moreira. **Currículo: políticas e práticas.** Campinas, SP: Papirus, 1999.
- LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MACHADO, Luiz Alberto. **Paulo Freire: Pedagogia do Oprimido.** <http://pesquisaecia.blogspot.com/2008/01/paulo-freire.html>. Postado em: 16 de Janeiro de 2008. Acesso em: 19/09/2010.
- MORAES, Silvia Elizabeth. **Interdisciplinaridade e transversalidade mediante projetos temáticos.** Revista brasileira Est. Ped. Brasília. V. 86 n. 213/214. p. 38-54, maio/dez. 2005.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NETO, Alfredo Veiga. **Currículo e Interdisciplinaridade.** In: Antonio Flavio B. Moreira (org.). **Currículo: questões atuais.** 12ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- NETO, Antônio Cabral, CASTRO, Alda Maria, FRANÇA, Magna e QUEIROZ, Maria Aparecida. **Pontos e Contrapontos de Política Educacional: Uma leitura contextualizada de iniciativas governamentais.** Brasília: Líber, 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico – crítica: primeiras aproximações.** 9ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.